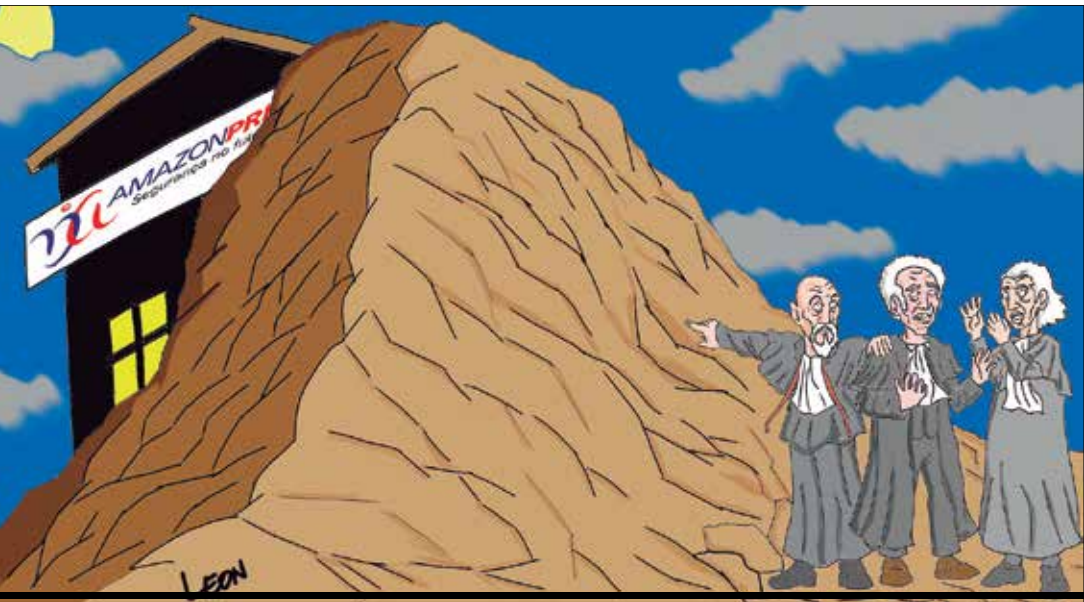


Edição: Aldísio Filgueiras
Email: opiniao@emtempo.com.br
Telefone: (92) 3090-1013

OPINIÃO

CONTEXTO

EMERSON QUARESMA | EMERSONQUARESMA@EMTEMPO.COM.BR | QUARESMA.EMERSON@GMAIL.COM | 92-3090-1017



Medo injustificável da Amazonprev

A explicação para que o Tribunal de Justiça do Amazonas (Tjam), o Ministério Público do Estado (MPE) e o Tribunal de Contas do Estado (TCE) ainda não tenham imigrado para o regime próprio da Previdência do Estado do Amazonas, a Amazonprev, é a desconfiança que, no futuro, a gestão do fundo possa não garantir os recursos para pagar aposentadoria e pensão. A avaliação é do conselheiro de Contas, Érico Xavier Desterro, para quem “o medo” é infundado. Ele lembra que desde quando a Amazonprev foi instituída, os órgãos sempre discutiram a adesão, mas sem sucesso. Em 2011, quando assumiu a presidência do TCE, Desterro lembra que, todas as vezes que o assunto foi levado à deliberação, no pleno do tribunal, ele foi vencido.

Histeria coletiva?

O conselheiro observou que o enfraquecimento da Amazonprev não é caso isolado. Segundo ele, no Brasil inteiro a não adesão ocorreu. “A União editou várias normas postergando a unificação das previdências e também houve decisões judiciais”, explica.

Remake

Do modo que as conversas andam neste ano, desconfia-se que se trata do mesmo filme com atores diferentes. O conselheiro observa, contudo, que no que diz respeito ao TCE, ele tem crédito junto à Amazonprev, uma vez que “sempre recolhemos a contribuição previdenciária e as nossas aposentadorias são pagas pelo tribunal”.

Um dever

A imigração do Tjam, MPE e TCE ao sistema de previdência adotado pelo governo do Estado, na avaliação do deputado Carlos Alberto (PRB), nada mais seria do que o cumprimento de um dispositivo constitucional.

Regimes outros

Para o parlamentar, a adesão desses entes públicos ao regime próprio de Previdência do Estado do Amazonas eliminaria a manutenção de outros regimes de previdência próprios adotados por eles, que contrariam a Constituição Federal.

Marcela aposentada

Conclusão de um servidor público estadual, leitor da Contexto,

mostra que, se a primeira dama da República, Marcela Temer - que tem 34 anos - começar a trabalhar agora, ela se aposentará aos 83 anos. Até lá, o presidente Temer terá 126 anos.

Ao velho mundo

O ex-deputado estadual Wallace Souza, que morreu aos 51 anos, às 16h do dia 27 de julho de 2010, no hospital Bandeirantes, em São Paulo, após sofrer uma parada cardíaca, terá a sua história contada na Europa.

Memória

Com a produtora britânica Quicksilver, a jornalista Christina Daniels e o diretor Daniel Bogado estão em Manaus colhendo material para produzir um documentário de longa-metragem sobre o ex-parlamentar amazonense. Ele era acusado de encomendar a morte de traficantes para aumentar a audiência do programa de TV que dividia com os seus irmãos.

Multiuso

Depois do sucesso da Villa Mix no sábado (18), a Arena da Amazônia receberá na área do Pódio, na sexta-feira (24), o show gospel da cantora Fernanda Brum e do cantor Juliano Son.

Pescadores

A Fundação Amazonas Sustentável (FAS) vem participando neste período do ano de assembleias de pescadores na região do Médio So-

límões. Esses encontros antecedem os preparativos para a despesca do pirarucu, que ocorre nos meses de outubro e novembro.

Assistência

Para este ano, a FAS informa que deve fornecer assistência técnica e apoio ao escoamento da produção das comunidades, por meio de decisão participativa do programa Bolsa Floresta.

Inpa em Paris

A pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) Fernanda Werneck receberá em Paris, na terça-feira (21), o prêmio Rising Talents. Os projetos científicos foram desenvolvidos com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).

Histórico de Werneck

A bióloga também foi uma das setes vencedoras, em 2016, da 11ª edição do prêmio “Para Mulheres na Ciência”, promovido pela L’Oréal Brasil, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e Academia Brasileira de Ciências (ABC).

Amazônia e Cerrado

A pesquisa fez uma abordagem ecológica evolutiva para investigar as origens da biodiversidade neotropical e da variação genética entre os dois maiores biomas da América do Sul, a Amazônia e o Cerrado, que coincide com o Arco do Desmatamento.

EDITORIAL

Dar troco não é nenhum favor

Um conflito que, faz tempo, estava incluído na categoria do “faz de conta que não existe” ou “quem se importa com reles centavos?”, acaba de ser reconhecido, oficialmente, pelo Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do Amazonas (Sinetram); melhor: anunciou que será normalizado “nos próximos dias”. Trata-se da questão do troco, que não é minimizada apenas nas catracas dos ônibus, tornando adversários, senão inimigos, inconciliáveis, passageiros e usuários. O problema é crônico, também em supermercados, shoppings, bares, restaurantes, camelôs, flanelinhas e todos os lugares em que exista relação de troca com moedas divisionárias.

O troco em moedas tornou-se invisível em Manaus, justamente por ser em moedas. Em qualquer cidade do país, as moedas são e estão disponibilizadas, como é e deve ser de direito. Nessas cidades, é possível, sem nenhum esforço, receber R\$ 0,01 (um centavo de real) ou R\$ 0,02. Não é preciso discurso reivindicatório do consumidor ou usuário, nem desaforo do prestador do serviço ou intervenção do Procon ou do Tribunal de Pequenas Causas. Pagou, tem direito ao troco. Mas quanto tempo faz que o leitor não vê uma moeda de R\$ 0,01? E quantas vezes perdeu mais do que isso, porque topou, do outro do balcão, com a arrogância do atendente?

Talvez essa desvalorização do centavo tenha a ver com alguma reminiscência do fausto da borracha no inconsciente coletivo dos habitantes da capital amazonense. Diz-se que naqueles idos de há um século se queimava dinheiro (notas de alto valor, e não era pouco), literalmente, para acender charutos... só por pavulagem. Talvez (de novo) quem tenha a obrigação de dar troco (não é um favor) acredite que R\$ 0,01 não valha muito, e não vale (de novo, talvez) para uma pessoa, mas milhares, quem sabe milhões, fazem muita diferença, se entram no cofre da empresa – uma observação que não é feita, quando se calcula o aumento no preço da tarifa: há sempre troco em favor da empresa.

| FRASE |



“Jamais permitiria que meu filho, um neto, tirasse foto com um assassino cruel. O Bruno está aparecendo de uma forma negativa. Acredito que essas pessoas, que tiram selfie com ele, não estão enxergando isso. Só para lembrar: ele é um assassino. Que banalidade. Eu temo que ele mande os comparsas dele me procurar. Mas não para um diálogo”

Sônia de Fátima Moura, mãe de Eliza Samudio, está incrédula com a contratação de Bruno pelo Boa Esporte. O goleiro foi o responsável pelo assassinato de sua filha em 2010 e deixou a prisão após o STF decidir que não havia “justa causa” para mantê-lo preso até o julgamento de recurso em segunda instância.

João Bosco ARAÚJO

Novos paradigmas

Uma das prerrogativas daqueles que já somaram anos em suas existências é precisamente ter reunido um acervo de experiências e vivências que lhes permite, ao ver o hoje, colocá-lo frente ao passado e, então, poder projetá-lo ao futuro com a riqueza das três dimensões.

Ao olhar as figuras ditas emblemáticas, que recebem destaque social e oficial e são apresentadas como exemplos para quantos que habitam uma cidade, vai dar para perceber a evolução, quicá a involução, dos critérios com que esses paradigmas são instituídos.

Em tema tão sujeito a elaborações especulativas, o bom é mesmo ancorar-se à realidade concreta e dela partir para generalizações, sempre a utilizar a indução como via.

Aceito tal postulado, será a nossa Manaus e a sua sociedade que haverão de se dar como partida e como chão da caminhada ora proposta.

Como qualquer cidade do mundo, talvez excluída a mágica Nova York com sua predileção pelos números ordinais, Manaus está cheia de ruas, avenidas, praças e até alguns parques que invariavelmente remetem a nomes de pessoas que nos são apresentadas como exemplos vivos da benemerência, das quais seríamos todos devedores de veneração e de gratidão.

Nada a opor, muito ao con-

trário. Não será um juízo de valor o nosso objetivo, mas apenas a constatação de que, no passar dos anos, os critérios utilizados para se chegar à identificação dessas figuras, em muito foram alterados, o que, por fim, também aponta para a ocorrência de grandes mudanças culturais. O que o passado, nem muito remoto, nos mostra é que os paradigmas de antanho eram edificados segundo critérios bem diferentes dos que agora servem precisamente para os mesmos fins.

Basta um passeio pela cidade, sem deixar de considerar a cronologia das vias, dos logradouros e mesmo dos monumentos, comparando-os com os similares mais recentes, para que se percebam as diferenças.

Ao considerar os mais antigos, deparamos com figuras como a de Adriano Jorge, médico e humanista, reconhecido ao ponto de lhe tomarem o nome para designar o bairro de Adrianópolis; o sanitarista Dr. Thomas, hoje vinculado à assistência aos idosos; Dr. Fajardo, do primeiro hospital pediátrico da cidade; Djalma Batista, cientista e pesquisador, vinculado ao Inpa; Mário Ypiranga, antropólogo e folclorista; João Lúcio, mestre da cirurgia. Outros houve que atuaram na área da Educação, da proteção à infância, alguns esquecidos, como Dona Donzinha, do Educandário Gustavo Capanema, e



João Bosco Araújo
Diretor Executivo de Amazonas EM TEMPO

também alguns políticos, tipo Jefferson Peres.

Mas o que realmente interessa aqui é salientar que antes as pessoas atuavam na sociedade, empenhavam-se nas suas atividades profissionais e nos trabalhos que serviam à coletividade, sem focalizar seus próprios interesses e só depois vinha o reconhecimento, quando vinha. Daí que raramente um empresário era destacado.

Hoje, o processo praticamente se inverteu. O reconhecimento vem para pessoas que se empenham na realização pessoal, conquistam o sucesso econômico ou o poder político e a esse título ganham a fama e o reconhecimento. Mesmo quando o seu trabalho gera efeitos benéficos no plano social, é muito evidente que lutaram por si e para si e o reconhecimento é sinal claro de que incorporaram o paradigma sonhado por muitos, numa sociedade que venera o poder e a riqueza.

Para confirmar, dos citados nominalmente acima, nenhum sequer foi rico ou poderoso, mas a eles e a outros como eles, os manauenses muito ficaram a dever.



| AMANDA LELI / MAMIRAUÁ

Ao Instituto Mamirauá, que vem desenvolvendo 11 projetos de manejo para contribuir com a conservação de grandes áreas florestais e a melhoria da qualidade de vida da população ribeirinha de 11 comunidades, nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável de Amanã e Mamirauá. Entre as ações, estão a extração de madeira e pesca manejada.



| ARTHUR CASTRO

Às empresas que usam correntes em frente aos estabelecimentos comerciais para demarcar território. Lugares que poderiam servir de estacionamento se tornam inúteis, como um quarteirão na rua Jonathas Pedrosa, bairro Praça 14. Lá, uma loja fechada mantém correntes demarcando a calçada e motoristas ficam sem opção de estacionar.